
APRESENTAÇÃO

O desejo de construir este dossiê nasceu da conversa e do debate que puderam fazer os participantes do Simpósio “Literatura e Testemunho: teorias, limites e exemplos”, realizado em Belém por ocasião do XIV Congresso Internacional da ABRALIC nos meses de junho e julho de 2015. Os Professores Marcelo Paiva (UFPR), Wilberth Salgueiro (UFES) e Augusto Sarmiento-Pantoja (UFPA), organizadores do simpósio, entenderam que ali havia uma gama valiosa de obras e abordagens que, se reunidas num dossiê, poderiam ser contribuição importante para a ampliação e/ou sedimentação do quadro investigativo que emoldura a Literatura de Testemunho no Brasil.

Não há dúvidas de que o leitor encontrará nos artigos que compõem esta publicação aquela necessária inquietação teórica que move pesquisadores de diferentes partes do Brasil em direção às convergências entre conceitos como Literatura e História; Memória e Testemunho; Trauma e Ficção, entre outros. Dessa vontade de problematizar para debater logo se depreende o impacto dos escritos de Testemunho sobre estudantes e professores ainda capazes de percorrer novas trilhas, empreender novas incursões sobre aquele conhecido tema das relações entre Arte e Realidade.

As catástrofes que marcaram o século anterior e os testemunhos delas nascidos desafiam ainda o tempo de agora, quando a Violência de Estado e o Terrorismo, por exemplo, continuam desafiando a continuidade do Humano. Essas experiências do absurdo – *Shoah*, ditaduras latinoamericanas, guerras civis africanas, conflitos étnicos no Oriente – têm produzido uma memória da dor que afeta de modo sintomático os sujeitos e suas formas de afetividade, de subjetivação. Toda a escalada de Violência global que já se estende por mais de um século tem motivado o aparecimento de Testemunhos escritos por quem sobreviveu ou presenciou as catástrofes.

Neste dossiê, os autores alcançam uma variedade de obras que optam por formas igualmente variadas e que passam pelo romance, pelo teatro, cinema e lírica moderna. Pode ser que possamos tomar essa observação para levantar a hipótese de que as experiências traumáticas têm sido representadas por tantos meios expressivos quantas foram as torturas sofridas e as ausências impostas pelos regimes ditatoriais e pelas máquinas da morte. Também podemos entrever nessa variedade os sintomas de um soterramento dessas memórias que aos poucos vêm sendo representadas e que, presumimos, darão curso a muitas outras manifestações vindouras e ocasião a muitos estudos e pesquisas primorosas como as que motivaram aquele simpósio e este dossiê.

Os leitores interessados nas intersecções entre Ficção, Trauma e Memória da ditadura militar brasileira foram presenteados com três artigos que gravitam em torno do romance *K*, de Bernardo Kucinski, e que abrem o dossiê em razão apenas de tratarem do mesmo objeto. Com esta disposição em sequência intentamos facilitar as idas e vindas do leitor pelas reflexões dos autores. Após os três artigos iniciais passamos a um texto sobre o romance

com teor testemunhal, de Ungulani Ba Ka Khosa, acerca de sua experiência como professor em campos de reeducação, durante o regime leninista moçambicano, implantado após a independência do país. A seguir, encontramos o artigo de Carlos Henrique Lopes de Almeida que analisa traços de resistência em produções literárias do autor paraguaio Augusto Roa Bastos.

Na sequência dos textos, há um trabalho dedicado ao teatro de Eurípedes – *Medeia* (431 a. C.) – e ao cinema de Pasolini, particularmente sobre as aproximações e distanciamentos entre as obras, de vez que uma é a releitura da outra e que são diferentes as linguagens de uma e outra artes. Para além dessas correlações o artigo concentra-se na possibilidade de analisar como a Resistência já é um aspecto presente na dramaturgia clássica. Após este artigo que acabamos de mencionar, todos os demais debaterão a produções em verso, poemas de autores importantes da Literatura Brasileira, como Thiago de Mello, e de combatentes e vítimas da ditadura como Marighella e Alex Polari. Vejamos, brevemente, as linhas gerais de cada artigo.

Num exercício comparativista, **Luciana Araujo Marques** aproxima o romance *K.* da produção de Kafka, francamente citada no texto de Kucinski através da composição da trama e das personagens. Evocando a experiência da culpa do sobrevivente, Luciana dialoga com a teoria do Trauma para compor uma teia entre Testemunho e criação literária. Nessa relação imbricada, a autora aponta para os mecanismos da composição estética e ficcional destacando-lhes a importância para o dessilenciamento das narrativas da barbárie. Por esse exercício teórico, Luciana nos convida a pensar as semelhanças entre um dos mais aclamados romances contemporâneos brasileiros e *O Processo*, de Kafka, cuja importância dispensa comentários, mas sem descuidar das particularidades de cada obra. Neste artigo, há uma significativa retomada daquela indagação sobre os limites entre ética e estética, limites de uma negociação que merece nossa atenção para que não percamos a mirada crítica sobre a contemporaneidade.

Também instigada pelo romance *K.* e a partir de um título muito bem elaborado – *O trauma da ficção ou a ficção do trauma* – **Raphaella Lira** propõe um artigo em que o trauma é tomado como categoria central do Testemunho, mesmo quando não se trata de narrar a própria passagem pelas torturas e pela prisão. Segundo a autora, o “luto sem corpo” imposto pelo desaparecimento de Ana Rosa, irmã do romancista Bernardo Kucinski, teria sido a causa do trauma que motivou a escrita fragmentada do *K.* Aos poucos, o artigo avança para uma consistente leitura das estratégias utilizadas pelo autor para construir um relato capaz de delinear as principais nuances do Estado de Exceção implantado pela ditadura brasileira. Visivelmente preocupada em investigar a composição do relato de Kucinski, Raphaella detalha, citando elementos textuais e extra textuais, as contribuições da memória e da experiência autobiográfica para a escrita do testemunho.

Terceiro artigo do dossiê em torno do romance de Kucinski é assinado por **Tânia Sarmiento-Pantoja** e **Elielson Figueiredo**. Desta vez o romance é pensado sob diálogo com os conceitos de Arquivo e Assinatura colhidos do pensamento filosófico de Jacques Derrida (leitor de Freud), a fim de contribuir com o debate sobre o teor testemunhal da ficção. O artigo encontra-se com a seguinte pergunta: como a ficção resiste ao arquivamento quando o escritor, como Kucinski, retorna tantas vezes ao mesmo tema, a saber, o da ditadura

militar brasileira? Numa linguagem que já sugere a dificuldade de representar a memória do trauma, o artigo aproxima a tarefa do leitor da tarefa do escritor, ou seja, a de reunir pistas para questionar a Verdade dos Arquivos, aqui entendidos como discursos do poder instituído. Os modos de arranjar a narrativa também são mencionados como a Assinatura de quem questiona tal verdade e, para entendermos como e porque tais arranjos podem se repetir sem sucumbir à condição de Arquivo e sem que o testemunho perca sua condição de Escritura única, os autores lançam mão do conceito de Repetição, de Deleuze.

Memórias indesejadas: os campos de reeducação na ficção de Ungulani Ba Ka Khosa, escrito por **Rainério dos Santos Lima**, é resultado de uma leitura acurada do romance *Entre as Memórias Silenciadas*, obra representativa da literatura africana e em que a memória da Violência de Estado ocupa lugar central. Testemunho de profundo teor autobiográfico, o romance de Ungulani denuncia os horrores da disciplina imposta aos prisioneiros nos campos de disciplinarização criados pelo regime leninista de 1975, em Moçambique. Neste artigo Lima discorre sobre a relação entre Testemunho, Memória e História presente na ficção moçambicana, tecendo um painel do processo de manipulação ideológica e de extermínio implantado pela Frente de Libertação de Moçambique, ao mesmo tempo em que aponta para o valor testemunhal da obra de Ungulani e de toda uma geração de intelectuais que sofreu as perseguições dos primeiros tempos da independência política no país.

Carlos Henrique Lopes de Almeida concentra-se em buscar aspectos inerentes à Resistência em um conjunto de obras de Augusto Roa Bastos, mais propriamente as narrativas *Igilia del Almirante* (2008) e a trilogia *Yo, el supremo* (2003), *El fiscal* (2008) e *El hijo del hombre* (2003). Entre outras possibilidades Almeida nos mostra, sem perder de vista o contemporâneo, como o episódio do descobrimento não fugiu ao olhar do escritor paraguaio, tão pouco a revisitação à história das guerras ocorridas em território paraguaio. O autor do artigo registra que a busca por mostrar processos de hierarquização e outremização são alguns dos artifícios utilizados por Roa Bastos para constituir a Resistência em suas obras.

Citados todos os trabalhos que abordam romances, passamos ao teatro e ao cinema. Ao considerar inicialmente o conceito de Resistência segundo Alfredo Bosi, **Carlos Augusto Nascimento Sarmiento-Pantoja** e **Andreza Karoline Costa dos Santos** adentram pelos meandros da arte performática conforme podemos conhecê-la em *Medeia*, de Eurípedes, e a narrativa fílmica de título homônimo, de Pasolini. Num percurso reflexivo que considera as particularidades do teatro antigo e do cinema, os autores utilizam expedientes comparativos para destacar o modo como cada obra realiza a representação das ações humanas, cerne da tragédia. Após o percurso que demonstra como cada uma das obras intenta atingir o efeito trágico, o artigo retoma o conceito de Resistência a fim de ampliá-lo para além da tematização e, em conformidade com as obras estudadas, tratá-lo como atitude que se manifesta desde a concepção, escrita e montagem dos textos.

E a meio caminho de nossas páginas, chegamos aos textos que têm como objeto os textos em verso, os poemas de testemunho, se assim quisermos chamá-los. Em “*Perdi as esperanças*”: o testemunho e a poesia de Alex Polari, **Wilberth Salgueiro** e **Livia Volkens** discutem elementos fundamentais da escrita do Testemunho ligados às formulações de matriz germânica sobre o tema para estender a reflexão até o contexto brasileiro da referida discussão teórica. Feitas as primeiras considerações, os autores apresentam sua leitura meticolosa

do poema *12.207*, de Alex Polari, vítima da ditadura militar brasileira. Ao longo de suas investidas sobre o poema, destacam a preocupação do poeta com o realismo da representação de suas vivências no cativeiro, algo que nos sugere um dever da escrita, do testemunho, para com a verdade. Wilberth e Livia revelam um poeta no interstício entre a linguagem e o fato experimentado, criador de uma poesia em que a linguagem não se sobrepõe à necessidade imperiosa de desvelar a experiência. Numa breve alusão a Alfred Hitchcock os autores dão o tom de sua análise, de vez que nela encontramos a vontade de capturar as filigranas da cena absurdamente real do aprisionamento, possibilidade oferecida apenas por esse encontro valioso entre a expressividade do signo poético e urgência do testemunho.

Já o artigo de **Paulo Bungart Neto** – *Entre a luta armada e a poesia libertária: o engajamento radical de Carlos Marighella* – privilegia a reverberação do político no poético, especificamente nos versos escritos por Marighella durante seus anos de luta política, de guerrilha. O artigo mostra-nos o poeta cujos versos estão prenhes de convicções fundadas no ativismo político, textos marcados por um lirismo social resistente ao esteticismo gratuito e contemplativo. Para Bungart, Marighella construiu uma obra poética engajada na luta contra qualquer forma de repressão e exemplarmente coerente com a militância que praticou ao lado dos companheiros que liderou e inspirou. Este “engajamento radical” seria alcançado por Marighella justamente em razão de seu trabalho de formação do leitor, este a quem desejava elucidar, educar politicamente através de uma luta verbal reveladora da profunda consciência estética e política que seu radicalismo levou a compartilhar em versos. Daí surge o que Bungart chama de poesia libertária, a produção poética movida por ideais políticos coletivos que exigem a luta, a resistência, contra toda forma de controle dos indivíduos. Na extensão de seu engajamento, Marighella assumiu também a palavra poética como arma de combate.

Ainda no campo da lírica, e fechando este dossiê, **Marcelo Ferraz de Paula** nos agracia com um artigo em que também nos adverte ao mencionar as poucas investidas dos estudiosos do Testemunho em direção à lírica, sobretudo no Brasil. Demonstrando muito boa sintonia com os estudos sobre a prosa testemunhal brasileira, Ferraz revela grande argúcia argumentativa ao enfrentar a questão acerca da adequação da lírica às necessidades éticas do testemunho. Num exercício crítico pendular entre as teorias da narrativa e da lírica, o autor vai desvelando estratégias de uma forma e outra em favor da tarefa do Testemunho. Assim começam suas “inflexões e reflexões” que logo vão nos levar ao seu objeto específico, trata-se do poema *Iniciação do prisioneiro*, de Thiago de Mello, feito de poucos versos repletos de consciência estética e exploração semântica do signo poético, trabalho maduro de composição minuciosamente demonstrado por Ferraz na sequência de suas reflexões. Trata-se de artigo capital para aqueles que desejam iniciar ou aprofundar suas leituras sobre a conhecida relação entre lírica e sociedade.

Agora que sabemos por que águas nos conduzem nossos colaboradores neste dossiê, passemos ao trabalho que todos os artigos merecem de nós: a leitura atenta e crítica. Esse gesto do leitor, que com agudeza se entrega à investigação das ideias aqui propostas, é o que nos dá certeza de que muito há ainda por tratarmos quando a tarefa é resistir.

Os organizadores